

# "Vim para somar e acrescentar"



Marlos Nobre

O maestro e compositor Marlos Nobre, novo diretor executivo da Fundação Cultural do Distrito Federal, é um pernambucano de 48 anos que atualmente reside no Rio de Janeiro. Pretende mudar-se para Brasília com sua esposa (a pianista Maria Luíza Corker) assim que voltar da Europa, dentro de um mês, e assim que o Buriti conseguir um apartamento para que ele fixe residência na capital da República.

Seu nome tem ressonância no cenário musical do País e do exterior. Obras de sua autoria, como **Concerto Breve**, **Moscalo**, **Biosfera**, **Canto Multiplicado** e **Rhytmotron**, que já foi usada pelo **New York City Ballet**, com coreografia de Arthur Mitchell, são conhecidas e admiradas por boa parte dos músicos brasileiros. Com formação no conservatório da cidade do Recife, no Rio de Janeiro e em algumas cidades da Europa, Marlos Nobre cita como nomes de sua preferência, na área da música brasileira, Paulo Moura, Egberto Gismonti, Nelson Freire, Camargo Guarnieri (com quem estudou), Radamés Gnattali e Antônio Menezes. Gosta de **rock** ("o criativo, não o comercial"), mas não tem nomes para citar.

"Vim para somar e acrescentar", é que explicou ele sobre a sua função como diretor da FCDF. Desconhecendo órgão que ele vai dirigir dentro de um mês, toma cuidado para não se envolver demais, pelo menos por enquanto. Se não conhece nada da estrutura interna da Fundação, admite que se trata do órgão dinamizador da cultura da cidade e tem informações sobre o trabalho desenvolvido

pela casa desde a época do embaixador Wladimir Murtinho. Isto porque tem certa ligação com Brasília — seus sobrinhos e irmãos moram aqui.

Ontem, o jornalista e poeta Reynaldo Jardim, ao se despedir do cargo, lembrou que o seu feito mais importante na FCDF foi deixar bem claro que o Estado não pode interferir na política cultural da comunidade. E o maestro Marlos Nobre concorda: "Nenhum órgão cultural do Estado deve interferir na coisa cultural. Mas é preciso chegar a uma conclusão sobre a participação da empresa privada, também, porque ela pode interferir tanto quanto o Governo. Graças a Deus temos um governo democrático que nos permite discutir estes pontos".

De formação católica, apertado, Marlos Nobre acredita que tanto o sistema capitalista quanto o comunista têm seus

defeitos e acertos na área cultural. Mas critica mais o comunismo, tomando como exemplo a União Soviética que impede a saída de seus artistas do território nacional. E se ele não conhece Brasília, confessa que "eu vim para conhecer". Portanto, por enquanto não pode falar de nada, mas está com toda a disposição e com as portas abertas para conversar com os artistas da cidade, que ele desconhece mas que quer ver de perto.

E sabe que é preciso abrir a cidade para as outras produções artísticas, sem se esquecer de incrementar a produção local. Cita a si próprio como exemplo de como isto dá certo: "Sou nordestino e tive formação europeia também. Abri-me para o mundo sem esquecer minhas raízes".

Marlos Nobre já criou projetos, em Fortaleza e na Fun-

bem do Rio de Janeiro, para o trabalho artístico com a população carente. Nestas duas cidades, criou condições para que as crianças e os adolescentes de baixa renda (ou sem renda alguma) pudessem participar de cursos profissionalizantes na música. Pretende, em Brasília, ampliar este programa para todas as manifestações da arte e acabar com o antagonismo entre as cidades-satélites e o Plano Piloto.

Quanto à Fundação Cultural propriamente dita, por não conhecê-la, não pretende mexer em nada. Em outras palavras, vai deixá-la como a encontrar dentro de um mês, assim que regressar da Europa. Os funcionários da casa que se tranquilizem: continua tudo como dantes e, possivelmente, a única mudança substancial que ocorrerá a olhos vistos será mesmo o tombamento de Brasília.